A Vilania Feminina na Telenovela: Alianças com o Banditismo[1]

Maria Cristina Brandão de FARIA[2]
Guilherme Moreira FERNANDES[3]
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo aborda as vilãs na teledramaturgia brasileira, sobretudo no âmbito da Rede Globo. A partir de uma perspectiva histórica sobre a vilania na telenovela, percebemos que na era Janete Clair havia a predileção por vilões. Após o sucesso de Yolanda Pratini, em *Dancin'Days*, as mulheres passaram a ocupar o posto de mais temidas pelos demais personagens. Por fim, analisamos as últimas vilãs (Flora, Carminha, Lívia e Wanda) para mostrar como é ocupado o papel das vilãs na contemporaneidade. Para recuperarmos a tradição desse habitante da realidade ficcional - o vilão -, personagem que movimenta o jogo de forças opostas ou convergentes de uma obra, utilizamos alguns elementos de sua origem no melodrama e sua modernização na teledramaturgia.

PALAVRAS-CHAVE: Vilão; Memória da Telenovela; Teledramaturgia Contemporânea.

Introdução: Função da personagem

No teatro grego, a personagem era apenas uma máscara, a *persona*, que correspondia a um papel dramático. O ator estava separado desse papel. Seria então apenas o executante e não sua encarnação. Na encenação estavam dissociados gesto e voz (PAVIS, 1999). Aos poucos, na arte dramática ocidental, o significado gramático de *pessoa* passou a ser incorporado à *persona* transformada na ilusão de uma pessoa humana. Portanto, cada vez mais, a personagem vai se identificar com o ator que a representa e tornar-se, como os homens, uma entidade psicológica e moral capaz de produzir na plateia, uma identificação com aquele seu perfil ali representado.

Paulo Emílio Salles Gomes ao definir a personagem no cinema, assegura:

> Via de regra, a encarnação (personagem/pessoa) se processa através de gente que conhecemos muito bem, em atores que nos são familiares. Aliás, nos casos mais expressivos, tais atores são muito mais que familiares: já são personagens de ficção para a imaginação coletiva, num contexto quase mitológico. (GOMES, 1998, p.114).

[1] Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e Doutora em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO). Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: cristinabrandao49@yahoo.com.br
[3] Jornalista e Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFJF. Bolsista do Programa Nacional de Apoio a Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional (PNAP/FBN). E-mail: gui_facom@hotmail.com.

Tomando a observação do crítico de cinema para o campo da TV, vamos verificar a similaridade, pois encontramos na telenovela atores que por décadas protagonizaram inúmeros personagens e fazem parte da história da nossa televisão. Tornaram-se, sobremaneira, bastantes familiares à grande massa de consumidores de ficção televisiva.

A personagem é uma *actante*, uma agente, e se define por uma série de traços distintivos: herói/vilão, mulher/homem, criança/adulto, enamorado/não enamorado etc. Nessa linha de pensamento, Beth Brait (2004) afirma ser a personagem a agente da ação que integra "o jogo de forças opostas ou convergentes que estão em presença numa obra" (BRAIT, 2004 p, 44). A autora acrescenta que cada ação representa uma situação conflituosa em que as personagens se perseguem, se aliam ou se defrontam. Brait cita as funções de uma personagem, a partir de distinções classificadas por Souriau e Propp: *condutor da ação* (personagem que dá o primeiro impulso à ação: é o que representa a força temática: pode nascer de um desejo, de uma necessidade ou de uma carência); *oponente* (personagem que possibilita a existência do conflito, força antagonista); *objeto desejado* (força de atração, fim visado, elemento que representa o valor a ser atingido); *destinatário* (personagem beneficiária da ação); *adjuvante* (personagem auxiliar, ajuda ou impulsiona uma das forças); e *árbitro, juiz* (personagem que intervém em uma ação, a fim de resolvê-la). Para Brait, "devemos encarar essas seis funções como uma possiblidade de enfrentar a questão da personagem em certas narrativas. A fotonovela, a telenovela e outras espécies de narrativas centradas em fórmulas tradicionais comportam perfeitamente essa abordagem." (BRAIT, 2004 p. 50).

Em "Dramaturgia de Televisão", Renata Pallottini (1998) também utiliza as funções dramatúrgicas dos personagens propostas por Souriau, denominando-as de: **Leão,** o que conduz a força dramática, corresponde ao *condutor da ação;* **Lua,** a coadjuvante; **Marte,** o oponente; **Sol,** o Bem desejado; **Terra,** o beneficiário; e **Balança,** o árbitro. Destacando o **Leão,** figura facilmente identificável no teatro, como aquela que deflagra a ação – Medéia, Antígona ou Édipo Rei – a autora pergunta: "Existiria um Leão ou Leões na obra de ficção televisiva?". E responde:

> Acredito que sim. É mais difícil, talvez, determiná-lo em cada caso, dada as dimensões variadas do gênero e seus subgêneros, as características próprias de cada tipo, em alguns casos, sua longa extensão, seus desenhos provisórios, possibilidades de mudanças quase totais etc. (PALLOTTINI, 1998, p. 155).

Pallottini, contudo, lembra que a telenovela é uma construção irregular e durante sua longa duração pode sofrer mudanças: "A condução da ação e o exercício da vontade na

telenovela ficam um pouco ao sabor do acaso e dos interesses momentâneos de audiência e sucesso" (PALLOTINI, 1998, p. 157). A par das modificações propostas pelos autores ou mesmo dos telespectadores, que ora abraçam uma personagem ora rejeitam outra. As figuras do protagonista e do antagonista principais são evidentes e facilmente percebidas pela audiência. Pode acontecer ainda em alguma fase da telenovela que as ações sejam conduzidas por um protagonista e, em outra fase, por outra personagem.

Caracterizamos os nossos vilões como os **leões** da narrativa ficcional que estabelecem uma empatia com o público por levarem à tela, em sua persona, os conflitos e situações visíveis na vida real. Ao analisar a personagem de ficção, Rosenfeld pondera:

> Como seres humanos, encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes demoníacos, grotescos ou luminosos. (ROSENFELD, 1998, p. 45)

O vilão surge com o melodrama

O vilão é uma criação do melodrama inserido nas histórias folhetinescas, nas quais as questões maniqueístas são simplificadas e podem muito bem serem assimiladas pelo público. Portanto, para um simples estudo sobre a vilania temos que recorrer a esse gênero iniciado no teatro com as peças de Pixérécourt, que dizia escrever para todas as "pessoas de todas as condições, ilustradas e parvas" (HUPPES, 2000, p. 13). Avessas a ambiguidades e torneios de estilos, as peças melodramáticas, ao contrário das tragédias neoclássicas e do drama burguês, eram destinadas a um público médio, tais quais são hoje as telenovelas.

Para definirmos um "vilão" em telenovela basta contrapô-lo à figura do herói. O primeiro será sempre o antagonista ao personagem bom; trata-se da "personificação do mal, responsável pelos atos de vileza cometidos contra o herói" (VASCONCELLOS, 1987, p. 218). Os maus agem com ímpeto melodramático, têm papel mais ativo, protagonizam a perseguição aos bons ou às personagens que se esforçam por estabelecer valores positivos. Na banda negativa do melodrama aparecem, invariavelmente, figuras vilanescas. "É o traidor sem escrúpulos em cujos traços se encontram a hipocrisia, a ambição e a paixão desbragada" (VASCONCELLOS, 1987, p. 64). Para Ivete Huppes, no melodrama, quem escolhe a alternativa perversa a escolhe às cegas. Colocam seus objetivos em detrimento da moral e do sofrimento alheio, abrindo a batalha entre polos morais opostos:

> No melodrama, há objetivos a alcançar em lugar de dilemas de consciência. Às personagens incumbe enfrentar os obstáculos que os acontecimentos interpõem ante a realização de uma meta , seja do lado positivo ou do negativo.[...] A energia mobilizada na perseguição e na defesa responde pelo dinamismo dramático da peça tanto quanto a afasta de elaborações mais complexas (HUPPES, 2000, p. 114).

Martín-Barbero (2009) lembra-nos que, se nos contos o desenrolar das narrativas acompanha, basicamente a trajetória do herói, no romance a ação se dispersa e se complexifica nos enredos que a sustentam:

> Uma dupla narrativa opera no folhetim, uma progressiva, que nos conta o avanço da obra justiceira do herói, e outra, regressiva que vai reconstruindo a história dos personagens que aparecem ao longo de toda a narrativa. Duplo movimento que tem, contudo, uma só direção, a mesma que dinamiza o melodrama do momento em que os maus desfrutam de sua boa vida e aparentam honestidade, enquanto os bons sofrem e passam por maus pedaços, até a inversão da situação, com a descoberta do reverso. (MARTÍN-BARBERO, 2009 p.190).

Martín-Barbero chama-nos atenção para o fato de que no folhetim (obras publicadas em capítulos nos rodapés dos jornais no século XIX e que deram origem à telenovela, chamada "folhetim-eletrônico") o desvendamento dos vilões não acontece num instante, de uma só vez, mas progressiva e sucessivamente, num longo percurso que volta a narrativa para trás. Na telenovela, o *flashback* ajuda o telespectador a memorizar e reconstituir fatos passados que envolveram heróis e vilões e a retirar desse conteúdo as razões para que os crimes e maldades sejam punidos, assim como a virtude talvez venha a ganhar suas recompensas. A espetacularização da vida, típica do melodrama teatral, expandiu-se para o cinema e para a televisão. Os enredos das telenovelas são trabalhados com esmero para sensibilizar o telespectador a cada desfecho, a cada nova situação surpreendente.

O antigo gênero irrompeu nos meios de comunicação contemporâneos, migrando no encalço do seu público e abrindo espaço para a face emocional, para o exagero, para a beleza da cena, voltada para o acontecimento de impacto. A maioria das tramas não pretende indicar ensinamentos morais, mas na forma, na linguagem principalmente, quer encantar a audiência, fascinar com seus discursos inconclusivos e belas imagens aos moldes melodramáticos.

Um típico vilão do melodrama na TV

Se nos reportarmos às telenovelas que fizeram sucesso dentro e fora do país, vamos nos deter sobre a clássica história de Bernardo Guimarães (1825-1884), adaptada para a TV

por Gilberto Braga, em 1976. *Escrava Isaura* foi lançada no mercado latino-americano em 1980, transformando Lucélia Santos em estrela internacional (ALENCAR, 2002, p. 122). A mulher escrava, paradoxalmente, surgia como heroína em meio a confrontos de classe e de raças. O autor da novela explicava à época:

> Numa sociedade escravocrata e machista, as mulheres estão psicologicamente entre a casa e a senzala. Não é só a história de uma escrava em busca de sua liberdade. É a história de uma mulher, por acaso nascida escrava, que procura, auxiliada por outras mulheres, muitas vezes não-escravas, encontrar na liberdade o direito de escolha. (BRAGA, G. *apud* BORGES, 2001, s/p).

A outra possibilidade de a novela ter-se tornado um mito é o espírito romântico que impregna seus cem capítulos. Isaura é um autêntico melodrama: a filha de uma mulata com um feitor é criada com requinte pela mulher de seu dono. Com a morte de sua protetora, a escrava, com a face da cor de marfim, come o pão que o diabo amassou nas mãos de Leôncio (Rubens de Falco), o malévolo herdeiro. Entre os dois, surge Álvaro, um abolicionista, que salva sua heroína de tantas agruras. A história é cheia de clichês lacrimosos bem ao gosto latino-americano ou mesmo universal, como preconiza Cristiane Costa (2000):

> A mesma América Latina que absorveu indistintamente os romances água-com-açúcar ingleses e os folhetins franceses como modelos de modernidade europeia - e não foram poucos os autores que rastrearam sua influência tanto na imaginação popular quanto na cultura erudita do continente - tornou-se a grande herdeira da tradição melodramática. [...] Não é surpresa que esse modelo ganhe o mundo. (COSTA, 2000, p. 48)

A novela permanece não apenas na memória de quem a assistiu, mas também nas referências das novas gerações do Brasil e, quiçá, do exterior. O folhetim já foi reexibido na Indonésia e na Grécia e, inclusive na China. A saga da escrava branca percorreu 79 países (MEMÓRIA GLOBO, 2010, p. 31).

Janete Clair e os "machões/ vilões" dos anos 1970

Verificamos que na maioria das novelas do "horário nobre" (20h) nos anos 1970, época em que a TV Globo liderava a audiência, chegando a Ibopes de 90 a quase 100 pontos, os vilões eram homens. Obstinados, poderosos, maquiavélicos como Leôncio ou ambíguos como Cristiano (Francisco Cuoco – *Selva de Pedra*). Nesse período, lideram as telenovelas que têm a marca *Janete Clair*. Os personagens masculinos são os **leões,** destacam-se nos enredos, e a figura feminina permanece subjugada às disputas amorosas dos "machões" intransigentes, insensíveis e dominadores. As mulheres faziam de tudo para

manter seus amores mesmo que se subjugando a homens de caráter duvidoso. Durante algum tempo, nos conta Arthur Xexéu (1996), a Globo não conseguia outro autor que soubesse dosar na medida exata, aventuras e emoções que prendessem a atenção do país no seu horário mais nobre.

Janete chegou a escrever sete novelas seguidas, mantendo o seus textos no ar, ininterruptamente, de 5 de fevereiro de 1968 a 23 de janeiro de 1973. A "usineira de sonhos", como foi apelidada por Drummond, dizia: "Quando sento na máquina para escrever meus capítulos, não há censura ou limitação de espécie alguma à criação. Não me policio, não tenho medo do ridículo, porque reajo muito como público" (XEXÉU, 1996, p. 93). A autora atribuía o sucesso de uma boa novela a ingredientes como "amor, aventura, morte e suspense", bem ao gosto folhetinesco e melodramático, pois sabia "até onde o público suporta uma emoção e é essa medida exata que tem me ajudado" (XEXÉU, p. 94). Janete Clair preferiu que a ênfase da vilania recaísse sobre a figura masculina

O quadro abaixo reúne os vilões em novelas do horário nobre nos anos 1970:

Ano	Novela	Autor	Personagem	Comentários
1970	Irmãos Coragem	Janete Clair	Pedro Barros (Gilberto Martinho)	Coronel injusto, senhor absoluto da Coroados, cidade fictícia onde se passa a trama em torno do garimpo em Minas Gerais que é incendiada por ele, no final da novela quando o vilão enlouquece
1971	O Homem que deve morrer	Janete Clair	Otto Frederico von Müller (Jardel Filho)	Vilão ao estilo nazista, é intolerante e pérfido. Mesmo tendo seu médico Ciro Valdez (Tarcísio Meira) lhe salvo a vida, passa a odiá-lo por saber do romance dele com sua ex-mulher. A trama em tons místicos, gira em torno das vilanias de Otto e seu advogado Paulus (Elimiano Queiróz), na mineradora da cidade de Porto Azul-SC. Os vilões querem matar Ciro – o homem que precisa morrer.
1972	Selva de Pedra	Janete Clair	Cristiano (Francisco Cuoco)	De mocinho passa a vilão, ao conhecer Fernanda (Dina Sfat) uma das acionistas do estaleiro, no Rio de Janeiro, onde vai trabalhar. Ele se deixa levar pelas artimanhas de Miro (Carlos Vereza) que lhe propõe o fim de seu relacionamento com a antiga namorada Simone (Regina Duarte) nem que isso tenha que lhe custar a vida da moça. Perseguida por Miro, Simone sofre um acidente de carro e é dada como morta. Cristiano, sentindo-se culpado, não se casa com Fernanda, abandonando-a no altar. A novela é inspirada num romance clássico de Theodor Dreiser, *Uma Tragédia Americana* e teve um remake em 1986.
1973	Cavalo de Aço	Walter Negrão	Max (Ziembinski)	Autor do massacre de uma família em Vila da Prata, interior do Paraná. Velho fazendeiro que domina a venda de madeira dos pinheirais e de todo o mercado de trabalho da região. O homem acaba sendo assassinado por uma moça da própria família.
1973	O Semideus	Janete Clair	Raul (Tarcísio Meira)	Um empresário, Hugo Leonardo (Tarcísio Meira) dono de um império industrial é vítima de grave acidente armado por seus inimigos. Entre eles o vilão Raul (Tarcísio Meira em dupla atuação) seu sósia que assume os negócios. O falso magnata esnoba Ângela (Glória Menezes) a namorada de Hugo e planeja se casar com Estela (Maria Cláudia). O verdadeiro Hugo, recuperado do acidente reaparece para retomar seu patrimônio.
1975	Pecado Capital	Janete Clair	Carlão (Francisco Cuoco)	É um anti-herói, meio vilão que desperta paixões nas mulheres que aparecem em sua vida. Ele ascende profissionalmente ao adquirir uma frota de taxi comprada com o dinheiro de um

				assalto a banco que, por acaso, encontrou no banco de seu taxi. A mulher apaixonada Eunice (Rosamaria Murtinho) ao invés de denunciá-lo, acaba casando-se com ele.
1976	Duas Vidas	Janete Clair		**O metrô** é grande vilão da história de Janete. A novelista quis abordar os transtornos que uma obra de interesse público poderia acarretar no universo particular dos moradores do Catete (bairro carioca) prejudicados com a desapropriação de suas casas. A censura não gostou e ceifou toda a crítica da novela, com nos conta Mauro Ferreira (2003). A obra fora avalizada pelo governo federal, na gestão do general Ernesto Geisel. Até cenas corriqueiras da reclamação dos moradores quanto à poeira da obra foram vetadas. A saídas foi desviar a atenção dos telespectadores para as relações amorosas de Leda Maria (Betty Faria) entre o jovial Dino (Mário Gomes) e o sisudo Victor Amadeu (Francisco Cuoco).
1978	O Astro	Janete Clair	Herculano Quintanilha (Francisco Cuoco) e Samir Hayala (Rubens de Falco)	Herculano é um misto de vilão e herói. Vidente trapaceiro usa seu misticismo para ascender socialmente. A partir de uma parceria com Márcio Hayala (Tony Ramos) depois que este fica órfão de pai. A novela é povoada de vilões que articulam a morte de Salomão Hayala (Dionísio Azevedo) principalmente **Samir (**Rubens de Falco), mas, descobre-se depois que Salomão foi morto dentro de sua própria casa pelo amante de sua mulher, Felipe (Edwin Luisi).
1979	Pai Herói	Janete Clair	Bruno Baldaracci (Paulo Autran)	André Cajarana (Tony Ramos) luta para descobrir a verdade sobre a morte de seu pai e enfrenta o vilão **Bruno** que tenta encobrir a verdade sobre seus negócios escusos. A autora centrou sua trama no município de Nilópolis, na baixada fluminense. A trama focava a vida de seus moradores, o amor pelo samba e os maneirismos de um bairro distante da Zona Sul.

Fonte: FERREIRA (2003); XEXEU (1996) e MEMÓRIA GLOBO (2010)

De vilões a vilãs

Evidenciamos no quadro que segue abaixo uma mudança da vilania nas telenovelas do horário nobre a TV Globo, com a concentração do papel de vilão na figura da mulher. O caso mais paradigmático é o de Yolanda Pratini[4] (Joana Fomm) em *Dancin Days* (1978). Mulher frívola e controladora, faz tudo para tirar da irmã – ex-presidiária – seu único bem, a filha. Antes disso, na TV Tupi, Ivani Ribeiro antecipava a *era das vilãs*. Ivani escreveu *Mulheres de Areia* (1973) e colocou no ar pela Tupi, em preto e branco, a primeira vilã protagonista: Raquel, irmã gêmea da bondosa Ruth (Eva Wilma). Inescrupulosa, egoísta e traiçoeira, a vilã movimentava ações típicas do melodrama. Raquel não se conformava com a vida simples de filha de pescadores e lutou para tirar o noivo da irmã, pois ambicionava sua fortuna. Enquanto isso, Ruth sofria calada com o casamento da irmã Raquel, mesmo

[4] Estamos nos referindo aqui às tramas das 20h, da TV Globo, em sua fase pós-Glória Madagan (modernização da telenovela). Em *O Sheik de Agadir* (1966) um personagem sem identificação, chamado de "Rato", promovia grandes estrangulamentos. Ao fim da trama, descobriu-se que "Rato" era na verdade a princesa árabe Éden de Bassora (Marieta Severo). Em *Selva de Pedra* (1972) Walkíria (Neuza Amaral) foi uma verdadeira vilã, porém não figurava como antagonista (ou protagonista) da trama, enquanto Fernanda (Dina Sfat) pode, sim, ser considerada uma vilã, inclusive chega a ficar louca. Mas a força narrativa da novela era centrada na figura de Cristiano, como mostramos no quadro acima. *Anjo Mau* (19h - 1976), de Cassiano Gabus Mendes, inova ao trazer uma vilã no papel principal: Nice (Susana Vieira). Também em 1976, com *Espelho Mágico*, de Lauro César Muniz, aparecem pequenas vilãs, como a Cyntia Levy, de Sônia Braga.

sabendo que ela estava com Marcos (Carlos Zara) só por interesse. A história tem uma reviravolta quando Raquel é dada como morta e Ruth assume a sua personalidade, para ficar ao lado do homem que ama. Raquel reaparece e planeja vingança contra a irmã que tomou o seu lugar e contra todos que estivessem no seu caminho.

As vilãs dos anos 1970 ficaram na memória e muitas delas estão presentes em sites com títulos como "Vilãs inesquecíveis das novelas", "As Top 10 vilãs das novelas da Globo", "Quem foi a mais malvada das novelas brasileiras" e uma infinidades de títulos dessa natureza. Os anos 1980/1990 também apresentaram grandes vilãs, mais perversas, inclusive, que a personagem de Fomm em 1978.

Ano	Novela	Autor	Personagem	Comentários
1979	Os Gigantes	Lauro César Muniz	Veridiana (Susana Vieira)	Acusa a cunhada Paloma (Dina Sfat) de ter matado o irmão. Faz o possível pela ver Paloma condenada, o que indiretamente contribuiu para o suicido da protagonista.
1980	Água Viva	Gilberto Braga e Manoel Carlos	Lourdes Mesquista (Beatriz Segall)	Faz de tudo para impedir o romance do filho Marcos (Fábio Jr.) com a batalhadora Janete (Lucélia Santos). A vilã descobre que o pai de Janete, Ewaldo (Mauro Mendonça), é um contrabandista e o denuncia, levando-a para a prisão. A ambiciosa Lígia (Betty Faria) também pode ser considerada uma vilã, especialmente pelo duplo romance que ela mantém com os irmãos Miguel (Raul Cortez) e o *bon vivant* falido Nélson (Reginaldo Faria).
1981	Brilhante	Gilberto Braga	Chica Newman (Fernanda Montenegro)	Obstinada por conseguir um casamento para o filho homossexual Inácio (Denis Carvalho), Chica fica ofendida quando Luisa (Vera Fischer) recusa seu pedido e passa a persegui-la, fazendo perder alguns empregos. Ao final, a vilã se redime e assume um romance com o motorista Carlos (Cláudio Marzo).
1983	Louco Amor	Gilberto Braga	Renata (Tereza Rachel)	Madrasta má de Renata (Bruna Lombardi) impede o romance com o "filho da empregada", Luiz Carlos (Fábio Jr.). Ao fim, descobre que Luiz Carlos não é filho da empregada Isolda (Nicette Bruno).
1984	Corpo a Corpo	Gilberto Braga	Lúcia (Joana Fomm)	Busca sucesso financeiro por meio de casamento. Morre queimada com o outro vilão da trama, Amauri (Stênio Garcia).
1988	Vale Tudo	Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères	Odete Roitman (Beatriz Segall) e Maria de Fátima (Glória Pirez)	Uma dupla de vilãs infernizou a vida da sofrida Raquel (Regina Duarte). A própria filha, Maria de Fátima, vendou a casa e mudou-se para o Rio de Janeiro disposta a achar um marido rico. Trai a amiga Solange (Lídia Brondi) e consegue casar-se com Afonso (Cássio Gabus Mendes) – tudo com a aprovação de Odete. Odete, vilã mor da teledramaturgia nacional, entre tantas outras maldades, fez com que a filha Heleninha (Renata Sorrah) acreditasse que matou o irmão em um acidente de carro, causado pela própria Odete.
1989	Tieta	Aguinaldo Silva	Perpétua (Joana Fomm)	Outra vilã memorável de Joana Fomm, a conservadora Perpétua infernizou a vida da irmã Tieta (Betty Faria), especialmente depois do envolvimento amoroso com seu filho, o seminarista Ricardo (Cassio Gabus Mendes).
1990	Rainha da Sucata	Silvio de Abreu	Laurinha Figueroa (Glória Menezes).	Época farta de vilãs. Laurinha fez de tudo para não deixar a sucateira Maria do Carmo (Regina Duarte) em paz, inclusive, em seu próprio suicídio deixou um brinco nas mãos da mocinha, para que todos pensem que ela a matou.
1990	Meu bem, meu mal	Cassiano Gabus Mendes	Isadora (Silvia Pfeifer)	Faz de tudo para ocupar a direção da empresa. É amante de Ricardo (José Mayer) que divide as ações da empresa com o bondoso dom Lázaro (Lima Duarte).
1997	A indomada	Aguinaldo Silva	Altiva (Eva Wilma)	A conservadora Altiva, em nome da moral e dos bons costumes, atormenta a vida dos moradores de Greenville.

1998	Torre de Babel	Sílvio de Abreu	Sandrinha (Adriana Esteves)	Ambiciosa, Sandrinha também não mediu esforços para atingir seus objetivos. Entre outras vilanias, foi ela a responsável por explodir o shopping Tropical Towers.

Sabemos, porém, que nas últimas tramas de Aguinaldo Silva, João Emanuel Carneiro e Glória Perez, as quais denominamos "vilania contemporânea", as maldades desencadeadas pelas vilãs subiram um patamar na escalada de crimes, se comparadas às pérfidas de antes. Classificam-se como: 1) São mulheres e não homens que protagonizam a vilania em confronto com o ator/atriz principal; 2) Ações típicas: mentir trapacear, manipular, trair; 3) Objetivo: dinheiro e poder; 4) São belas e sedutoras; e 5) Agem com requintes de banditismo: manipulam armas, planejam sequestros, roubos e assassinatos.

Como exemplos de vilãs na última década, temos:

Ano	Novela	Autor	Personagem
1999	Suave Veneno	Aguinaldo Silva	Maria Regina (Letícia Spiller)
2001	Porto dos Milagres	Aguinaldo Silva	Adma (Cássia Kiss)
2003	Celebridade	Gilberto Braga	Laura "Cachorra" (Cláudia Abreu)
2004	Senhora do Destino	Aguinaldo Silva	Nazaré Tedesco (Renata Sorrah)
2005	Belíssima	Silvio de Abreu	Bia Falcão (Fernanda Montenegro)
2006	Páginas da Vida	Manoel Carlos	Marta (Lília Cabral)
2007	Paraíso Tropical	Gilberto Braga e Ricardo Linhares	Taís (Alessandra Negrini)
2007	Duas Caras	Aguinaldo Silva	Sílvia (Alinne Moraes)
2008	A Favorita	João Emanuel Carneiro	Flora (Patrícia Pillar)
2009	Caminho das Índias	Glória Perez	Yvone (Letícia Sabatella)
2010	Passione	Sílvio de Abreu	Clara (Mariana Ximenes)
2011	Insensato Coração	Gilberto Braga e Ricardo Linhares	Norma (Glória Pires)
2011	Fina Estampa	Aguinaldo Silva	Tereza Cristina (Cristiane Torloni)
2012	Avenida Brasil	João Emanuel Carneiro	Carminha (Adriana Esteves)
2012	Salve Jorge	Glória Perez	Lívia Marine (Cláudia Raia) e Wanda (Totia Meireles).

Traços da vilania contemporânea

Como atestam Hummel e Alvetti (2007), houve uma concentração da vilania na figura da mulher. Isso não quer dizer exatamente que não existem vilões, contudo há uma performance de gênero que faz com que o público se lembre mais das vilãs. As autoras lembram personagens que ficaram na memória televisiva, como Sandra, de *Torre de Babel*, Odete Roitman, de *Vale Tudo* e Laura, de *Celebridade* (todas elas da dramaturgia de Gilberto Braga), "vilãs com traços bem demarcados, movidas por egoísmo, vaidade, desejo

de vingança, questões que o senso comum tende a associar ao feminino" (HUMMEL e ALVETTI, 2007, p. 257).

Hummel e Alvetti estudaram a vilania de Nazaré, uma das vilãs prediletas do público até hoje. Nazaré era uma nordestina chegada ao Rio, que ascendeu socialmente através do casamento, depois de ter sequestrado uma criança. Vai aos poucos se desiquilibrando e gera outros crimes no embate com a sua enteada. Em plena decadência moral e física, utiliza o sexo para obter vantagens financeiras e, por não ser mais uma mocinha, protagoniza cenas que resvalam do patético ou ao cômico, fazendo-nos lembrar do clássico da atriz Bete Davis, em "O que terá acontecido a Baby Jane?", (filme de 1962, dirigido por Robert Aldrich). Para as autoras, "sintomaticamente, a purgação acontece especialmente quando a personagem é surrada, como se a violência cristalizasse o desejo de justiça do espectador" (HUMMEL, ALVETTI, 2007, p. 258).

Hummel e Alvetti notaram uma evidente atualização da vilania.

> Primeiro, porque as características do melodrama, mudando, levam a um ajuste do vilão; depois, porque mudaram os conceitos de moral das sociedades, em cujo equilíbrio reside uma das funções do gênero. E, por fim, ainda que não seja comum a transgressão, é evidente que no papel do vilão já se vê algum questionamento, o que torna a figura um pouco mais de nuançada, às vezes, mais ambígua, aproximando-a da atualidade. (HUMMEL e ALVETTI, 2007, p. 257)

As autoras concluem, no entanto, que o vilão faz mais que um contraponto ao protagonista. Ele serve à novela para pôr em pauta os temas que tendem a provocar discussões, éticas e morais, em geral desencadeadas pela luta do Bem contra o Mal. Provenientes da chamada "cultura da esperteza", as vilãs Flora, Carminha, Lívia e Wanda vão de encontro a outra cultura em que o status intelectual e a retidão de caráter são mais valorosos.

Na visão de Ana Beatriz Silva (2008), o "saber" e o "ser" já foram bens de alto valor moral e social e hoje, no universo do "ter" e do "exibir", o dinheiro pode apagar falhas de caráter e ignorância e leva vantagem quem for mais esperto e dar o golpe certeiro com a finalidade única de conquistar a realização e a satisfação pessoais. A autora registra o fato de a ficção televisiva abrir espaço para esses vilões "pelos quais estamos atraídos e fascinados" e é para eles que dirigimos nossa torcida. Floras, Carminhas, Lívias e Wandas constituem as vilãs contemporâneas do horário nobre que pesam a mão na dose de impulsividade, intolerância às frustrações, ausência de culpa ou remorso, violação das regras sociais e inconsciência diante da dor alheia para obterem o que desejam

imediatamente. O individualismo prega o melhor tipo de vida a se usufruir, ou seja, a autorrealização e autossatisfação, em detrimento das obrigações para com o resto das pessoas. Pois a "cultura psicopática está no ar" diz a autora.

> Assim, de forma quase natural, estamos abandonando os mocinhos e seus ideais morais de justiça e solidariedade. Os heróis dos novos tempos são maldosos, inescrupulosos e isentos de qualquer sentimento de culpa. Já os personagens bonzinhos despertam em nós um sentimento de pena e até certa intolerância com seus discursos utópicos e ingênuos. Os heróis do passado estão se tornando os otários dos tempos modernos. O desrespeito, a frieza, a luxúria e a perversidade dos psicopatas estão ganhando espaço nas telinhas e nas telonas, arrebatando espectadores, críticos especializados e atores que buscam fama e reconhecimento profissional ao interpretarem personagens de psiquismo tão complexos (SILVA, 2008 p. 192).

Flora, Carminha, Lívia Marine e Wanda – em elevado grau de banditismo

A personagem Flora (Patrícia Pilar, de *A Favorita)* tem as características da psicopatia manifestada desde a infância, possuindo uma visão narcísica e exagerada da própria pessoa. Seu egocentrismo e megalomania demonstram total falta de interesse por aperfeiçoamentos e qualificação, pois se julga habilidosa e perspicaz. Flora sempre pensa grande e costuma arriscar tudo para obter seus intuitos de poder e fortuna, chegando até mesmo ao assassinato. A felicidade de Donatela (Cláudia Raia), irmã de Flora, é sempre ameaçada pelos crimes da psicopata, a começar por Marcelo, marido de Donatela. Flora foi presa e separada de Lara, sua filha com Dodi (Murilo Benício). – a princípio acreditava que Lara era filha de Marcelo, com quem Flora tivera um romance - na época, com três anos de idade. Flora foi condenada a 18 anos de prisão pelo crime. Donatela cria Lara. Ao sair da prisão, Flora quis se aproximar de Lara e desmascarar Donatela, Flora diz que a ex-amiga foi quem cometeu o crime pelo qual já pagou. Donatela, por sua vez, temerá que Flora se aproxime de Lara, a quem diz amar como se fosse sua própria filha. Lara torna-se, assim, o alvo da disputa entre as duas mulheres. Tal como fará Carminha, em *Avenida Brasil*, Flora arma o próprio sequestro, combinando com os bandidos uma falsa tortura, a fim de que Lara a salve. Flora assassina os bandidos a tiros e fala para todos que eles se mataram. Com simulações de feridas e hematomas, provoca a piedade de Lara, que, comovida, pensando que a mãe quase morreu para salvá-la, a abraça e a chama de mãe. Flora conseguiu o que queria: ganhar a simpatia de Lara. Isso porque ela mandou os bandidos aterrorizarem psicologicamente a filha para ela comover-se e simpatizar com a mãe. Flora ganha um alto cargo na empresa de Gonçalo e muito dinheiro, não hesitando em passar por cima daqueles que ameacem seu caminho. Ela não tem sentimentos, é uma psicopata, que sente prazer em

matar e chega a requintes de crueldade, quando aguarda pacientemente a morte de Gonçalo (Mauro Mendonça), cujo remédio cardíaco fora trocado por ela.

A imagem de boa moça fez de Adriana Esteves a escolha perfeita para uma vilã dissimulada como Carminha (MARTHE, 2012 p. 160). Ela até ganhou uma trilha sonora especial para cada um dos seus atos de crueldade exibicionista. Mulher arrogante e estridente no trato com sua família, empregados e conhecidos, a personagem inicia sua trajetória de vilania abandonando sua enteada no lixão da baixada Fluminense, depois de provocar a morte acidental do marido e deixar a órfã jogada à sua própria sorte. Tudo para viver com o amante Max (Marcello Novaes) e dar outros golpes envolvendo sexo e dinheiro. No subúrbio carioca, ela se casa com um ex-jogador de futebol, Tufão (Murilo Benício), líder da comunidade e bastante endinheirado. Consegue casar-se sempre trapaceando, mentindo e simulando amor verdadeiro. Mas leva seu amante para dentro de casa, obrigando-o a se casar com a cunhada. Na mansão, vive sempre de branco, a cor da pureza, a mesma usada por Lívia, a vilã de *Salve Jorge*, com muitas joias exibidas com ostentação para suas empregadas. Para estas, além de escravizar e ameaçar com a demissão reserva o pior da sua cozinha: macarrão com salsicha. Aliada a um padre corrupto da paróquia do bairro, vive pregando o bem e a ajuda aos pobres, mas, por trás da beatitude, rouba o dinheiro dado pelo marido para gastar com suas joias e com o amante. *Avenida Brasil* foi também escrita pelo mesmo autor de *A Favorita*, João Emanuel Carneiro, que defendeu assim sua personagem:

> Diante da patrulha politicamente correta que afeta as novelas: a gente vive num mundo pavorosamente careta, e não é só algo que toca à Globo ou à TV. Sorte que há uma Carminha para escancarar sua caixa de Pandora e falar coisas atrozes que todo mundo de vez em quando pensa, mas é proibido de pôr para fora (MARTHE, 2012b).

Carminha está, na trama, na categoria **Leoa.** Por outro lado, João Emmanuel criou a personagem Nina (Débora Falabela), a protagonista, órfã abandonada que cresce e se instala no reino de Carminha para arquitetar sua vingança. Por fim, há mérito na história com o embate melodramático entre vilã e heroína. O Bem acaba destruindo o Mal. Nina traça seu calvário e vai destruindo Carminha com surpreendentes humilhações, tratando-a por "vaca" e "vadia" entre outros adjetivos. Em entrevista à revista Veja, Adriana Esteves definiu Carminha:

> É uma personagem muito rica porque não é só vilã: ela é uma mulher, uma pessoa, uma sobrevivente. Ela poderia ser qualquer um. Todos nós temos um pouco de Carminha. Eu já esbarrei em muitas Carminhas na vida, bem próximas do meu convívio. (MARTHE, 2012, p.160).

Será?

As vilãs de *Salve Jorge*, Lívia Marine (Cláudia Raia) e Wanda (Totia Meirelles), subiram um degrau na escada da vilania da ficção televisiva, pois além de mentirem, trapacearem por dinheiro e poder, dominam uma rede internacional de tráfico de pessoas. Wanda é a principal ajudante de Lívia no agenciamento de mulheres para o tráfico. Ela faz a seleção das garotas que, inocentemente, são atraídas por empregos "generosos" no exterior. Ambas estão envolvidas em transgressões sociais das mais graves além de tráfico de drogas, agressões físicas e assassinatos. É importante ter em mente, lembra-nos Ana Beatriz Silva, que "todos os psicopatas são perigosos, uma vez que eles apresentam graus diversos de insensibilidades e desprezo pela vida humana" (SILVA, 2008 p.129).

Lívia Marine é uma profissional de fachada no mundo da moda e, por ser uma mulher requintada e com contatos em diversas áreas, ninguém desconfia de suas atividades ilícitas. Ela transita livremente pela alta sociedade do Rio de Janeiro com sua capacidade de persuasão, fingindo incorporar valores apreciados pela alta burguesia. É carismática e manipuladora no controle de sua "empresa de modelos", mas capaz de eliminar aqueles que estão no seu encalço, como a delegada Helô (Giovana Antonelli), que conseguiu escapar de várias tentativas de homicídio arquitetadas pela fria e cruel Lívia.

Lívia foi chamada de "vilã da seringa", porque utilizou seringas com doses letais de heroína para eliminar suas vítimas. A arma utilizada pela personagem até provocou risos em parte do público. Muita gente achou surreal a personagem ter sempre uma seringa na bolsa. Por seus crimes, Lívia alavancou a audiência da telenovela e, no capítulo em que leva uma surra da protagonista Morena (Nanda Costa), a novela atingiu média de 45 pontos na grande São Paulo, segundo o Ibope. A vilã acumulou sucessivas e divertidas resenhas em blogs de humor, questionando a verossimilhança das cenas criadas por Glória Perez, para a eliminação das personagens vítimas das tais injeções. Cláudia Raia lamentou o fim do programa *Casseta&Planeta*, que parodiava as novelas. No entanto, disse ter recebido na ocasião mais de 20 comentários por dia de pessoas que a paravam na rua dizendo odiá-la. (BOERE, 2013).

O final de Lívia Marini foi uma fuga para longe da Turquia, onde mantinha uma boate com mulheres escravizadas[5]. No leste europeu ela volta às origens, trabalhando como stripper em estilo burlesco num bordel, até ser capturada pela Interpol e presa. A gélida

[5] A novela inspirou o projeto Cláudia Raia, de autoria do deputado estadual de São Paulo Fernando Capez (PSDB), que propõe aplicar punições à pessoa jurídica proprietária de estabelecimentos onde sejam praticadas prostituição e tráfico de pessoas.

mulher se apaixona por Théo (Rodrigo Lombardi) e por ele muda o tom da personagem, inclusive na cor do vestuário. Passa do branco ao vermelho. A partir daí começa sua derrocada para o final no presídio – mesmo desdito de Wanda, que durante a trama se mostrou mais dissimulada que Lívia. Na prisão, Wanda afirma que "encontrou Jesus" e que espera que Lívia faça o mesmo. Momento de clara ironia do autor.

Considerações Finais

Nosso estudo sobre personagens da ficção televisiva iniciou-se no Intercom 2012, com a análise de Griselda, vivida pela atriz Lília Cabral na telenovela *Fina Estampa*, de Aguinaldo Silva. No artigo "A Personagem Griselda: o resultado do intercâmbio entre autor, atriz e público" tentamos mostrar como nas telenovelas circulam valores impulsionados, a maioria, pelos heróis ou heroínas, ou seja, são as personagens que advogam justiça e protestam contra o mal na aclimatação contemporânea do melodrama no Brasil do século XXI. Naquela ocasião já afirmávamos que Griselda, ao longo da trama, destilava noções claras sobre preceitos morais e cidadania, numa sociedade sequiosa por justiça e moralidade das instituições e da classe política.

Nosso artigo hoje realça, basicamente, as mudanças históricas pelas quais vem passando as personagens vilãs, que aos poucos vêm substituindo os ferozes vilões do melodrama. Acreditamos que a performance de gênero é um dos fatores determinantes para o sucesso das vilãs. Bonitas e bem-humoradas, são as vilãs as responsáveis pelo andamento da trama, desde o momento que rompem com a ordem do casal de mocinhos. *Amor à vida*, de Walcyr Carrasco (2013) faz o mesmo caminho só que usa a vilania no protagonista homossexual. Com o cinismo e o humor exagerado de Félix, aproxima-o do time das malvadas de nossa teledramaturgia.

Espirituosas e muito bem articuladas, as vilãs atuais são convincentes em diversos momentos das telenovelas. Por muito tempo, elas são sempre "as mocinhas", pois não economizam charme nem recursos visuais como roupas, penteados e maquiagem e até sapatos da moda (Lívia foi reconhecida por uma de suas vítimas pelo belo par de saltos que usava durante uma o desfile que estava promovendo). Tudo vale para tornarem-se atraentes no jogo de sedução e mentiras. Em certos momentos, mostram-se sensíveis, suaves como as grandes divas do cinema, mas, quando suas ações malévolas estão por um fio para serem descobertas pela polícia, não se intimidam em pegar em armas, passarem com o carro sobre suas vítimas, ameaçarem com facas, seringas com doses letais de drogas ou até acertarem

seus alvos com um tiro. Nesses momentos, trocam as palavras finas por um vocabulário chulo, repletos de palavrões.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Mauro. **A Hollywood brasileira**. Rio de Janeiro: Senac, 2002.

BOERI, Natalia. Mulher Fatal. **Jornal O Globo** – Revista da TV, Rio de Janeiro, 12/05/2013.

BORGES, Robins. A Escrava Isaura, 25 anos depois. **Valor Econômico**, São Paulo, 11/05/2001. Disponível em: http://reocities.com/paulopes.geo/isaura25anos.htm. Acesso em 08/07/2013.

BRAIT, Beth. **A personagem.** São Paulo: Ática, 2004.

COSTA, Cristiane. **Eu compro essa mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA, Mauro e COELHO, Cleodon. **Nossa Senhora das Oito**: Janete Clair e a evolução da telenovela no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GOMES, Paulo Emílio S. A personagem cinematográfica. In: CANDIDO, Antonio (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 105-119.

HUMMELL, Rosita e ALVETTIS, Celina. Apontamentos sobre a imagem da vilania: uma leitura do horário nobre. In: **Revista Estudos de Comunicação**. Vol.. 8, n. 17. Curitiba: PUCPR, set/dez 2007. p. 255-261.

HUPPES, Ivete. **Melodrama – o gênero e sua permanência**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2000.

MARTHE, Marcelo. Entrevista a João Emanuel Carneiro. **Revista Veja**, São Paulo, 4/07/2012. 2012a.

MARTHE, Marcelo. Vingança, a emoção primordial. **Revista Veja**, São Paulo, 08/08/2012. p. 153-160. 2012b

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 2009.

MEMÓRIA GLOBO. **Guia Ilustrado TV Globo**: novelas e minisséries. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de Televisão**. São Paulo: Moderna, 1998.

PAVIS, Patrice. **Dicionário do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ROSENFELD, Antol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 11-49.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Perigosas**: o psicopata mora ao lado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de Teatro**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

XEXÉU, Artur. **Janete Clair**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.